

DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v32n2e26039>

Maria José Dupré: um fenômeno editorial na história da literatura infantil

Maria José Dupré: publishing phenomenon in the history of children's literature

Maria José Dupré: un fenómeno editorial en la historia de la literatura infantil

Fernando Rodrigues de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5609-550X>

Elizangela Maria Esteves Barros

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3919-7811>

Resumo: Com o objetivo de compreender o lugar de Maria José Dupré na história da literatura infantil no Brasil, focaliza-se neste texto a trajetória literária dessa mulher-professora-escritora, com destaque para a sua consolidação como um fenômeno editorial, cujas publicações permanecem em circulação até os dias atuais. Para isso, tem-se como aporte teórico-metodológico as premissas da História Cultural, a partir das quais são apresentados e problematizados alguns dos aspectos biobibliográficos dessa escritora. Nascida em 1905 numa fazenda do interior do Paraná, Dupré teve publicados ao longo de sua carreira 10 livros para crianças, além de livros, contos e crônicas para adultos. Apesar do reconhecimento que obteve com o conjunto de todas as suas publicações, foi na literatura infantil de circulação e de uso escolar que ela encontrou a “fórmula” do seu sucesso, imprimindo uma marca indelével como escritora em inúmeras gerações de leitores desde os anos 1940.

Palavras-chave: Maria José Dupré; história da literatura infantil; trajetória editorial; biobibliografia.

Abstract: With the aim of understanding Maria José Dupré's place in the history of children's literature in Brazil, this text focuses on the literary career of this woman-teacher-writer, highlighting her consolidation as a publishing phenomenon, whose publications remain in circulation to this day. To this end, the theoretical-methodological contribution is based on the premises of Cultural History, from which some of the biobibliographical aspects of this writer are presented and problematized. Born in 1905 on a farm in the interior of Paraná, Dupré published 10 books for children during her career, as well as books, short stories and chronicles for adults. Despite the recognition she received from all her publications, it was in children's literature for circulation and school use that she found the “formula” for her success, leaving an indelible mark as a writer on countless generations of readers since the 1940s.

Keywords: Maria José Dupré; history of children's literature; publishing career; bio-bibliography.

Resumen: Con el objetivo de comprender el lugar de Maria José Dupré en la historia de la literatura infantil en Brasil, este texto se centra en la trayectoria literaria de esta mujer-docente-escritora, destacando su consolidación como fenómeno editorial, cuyas publicaciones permanecen en circulación hasta nuestros días. Para ello, el marco teórico-metodológico se basa en las premisas de la Historia Cultural, a partir de las cuales se presentan y problematizan algunos de los aspectos biobibliográficos de esta escritora. Nacida en 1905 en una granja del interior de Paraná, Dupré publicó a lo largo de su carrera 10 libros para niños, además de libros, cuentos y crónicas para adultos. A pesar del



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

reconocimiento que obtuvo con todas sus publicaciones, fue en la literatura infantil para circulación y uso escolar donde encontró la «fórmula» de su éxito, imprimiendo una marca indeleble como escritora en innumerables generaciones de lectores desde la década de 1940.

Palabras clave: Maria José Dupré; historia de la literatura infantil; trayectoria editorial; bio-bibliografía.

1 Introdução

Dentre os nomes de escritoras brasileiras que marcaram gerações de leitores, o de Maria José Dupré está entre os de maior frequência, especialmente quando se trata de leituras que se faz na infância, em fase de escolarização. Sempre lembrada por várias de suas histórias, como a famosa jornada de Henrique e Eduardo no Rio Paraíba, em *A ilha perdida* (1944), ou a vida de Dona Lola e sua família entre São Paulo e Itapetininga, em *Éramos seis* (1943), a obra de Dupré também se faz presente ainda hoje nas principais bibliotecas escolares e bibliotecas públicas do país.

Associadamente a isso, em decorrência do sucesso que ela alcançou com o lançamento de alguns de seus livros, Dupré compõe a lista dos principais prêmios literários brasileiros. Dentre eles estão o Prêmio Raul Pompeia, criado pela Academia Brasileira de Letras em 1911, e o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, que podem ser entendidos como símbolo da consolidação da trajetória dessa escritora¹.

À despeito disso e seguindo um padrão persistente em relação a muitas outras mulheres que se dedicaram ao universo da escrita, Maria José Dupré permanece praticamente inexplorada do ponto de vista da pesquisa científica, como uma figura aparentemente de menor destaque no cenário cultural, educacional e literário de nosso país, conforme aponta levantamento realizado por Barros (2024). Mediante consulta a repositórios institucionais de pesquisa², essa investigadora afirma que apenas três dissertações de mestrado e três teses de doutorado abordam aspectos

¹ Além desses prêmios, ao longo de sua carreira, Maria José Dupré ganhou outros, como: Medalha Cultural do Instituto Histórico Geográfico (1955); Medalha Bartira (1964); Prêmio Pen Clube de Literatura Infantil (1966); Medalha “Brigadeiro José Vieira Couto de Magalhães” (1966) concedido pela Sociedade Geográfica Brasileira; Prêmio de literatura Infantil (1968) da Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo; e o Prêmio Cruz de João Ramalho (1974), concedido pela Sociedade Geográfica Brasileira.

² De acordo com Barros (2024), essas pesquisas foram realizadas em várias bases de dados, incluindo o Portal de Periódicos CAPES, o Banco de Teses CAPES, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e a Plataforma Lattes. Para seu levantamento, a pesquisadora realizou consultas a partir do nome da autora e também de seus livros. Além dos trabalhos localizados sobre a obra infantil de Maria José Dupré, Barros (2024) também localizou teses, dissertações, artigos e capítulos de livros sobre a obra destinada ao público adulto de dessa escrita, sendo quase todos eles relativos ao romance *Éramos seis* (1943).

ligados à obra infantil de Maria José Dupré, em geral, com destaque para os livros que ela teve reeditados na série “Vaga-lume”. O mesmo ocorre com outros trabalhos publicados em formato de capítulos de livros (5) e artigos (7), nos quais se apresentam estudos pontuais sobre alguns de seus livros reeditados nessa mesma série (Barros, 2024). Também é perceptível a ausência de destaque para o nome de Maria José Dupré nas principais obras de história da literatura infantil brasileira, como as de Arroyo (1968), Coelho (1981) e Lajolo e Zilberman (1984, 2022), que se restringem a menções lacunares e esparsas sobre sua obra infantil publicada entre 1943 e 1967.

Sobre esse aspecto, não há dúvidas de que se trata da marca da ideologia patriarcal que exclui os escritos das mulheres como produções de mesmo valor quando comparada a dos homens. No contexto histórico em que Maria José Dupré produziu sua obra, como bem explicou Coelho (1993), acreditava-se em diferenças de “ordem biológica” como determinantes da criação artística e intelectual entre homens e mulheres: enquanto os primeiros, pela sua natureza forte e agressiva, eram autores de produções viris e criativas; as segundas, devido à natureza sensível, frágil, afetiva e ingênua, somente podiam produzir um tipo de escrito igualmente delicado e frágil, destinada ao interesse apenas de suas iguais. Esse cenário foi se alterando especialmente na segunda metade do século XX, muito em função dos novos papéis que as mulheres foram assumindo em nossa sociedade a partir do avanço do feminismo (Zolin, 2009). Isso tem sido “[...] fundamental também para a revisão do papel dessa produção literária de autoria feminina [como] trabalho de revisionismo crítico” (Zolin, 2009, p. 328).

Nesse sentido, pensar sobre essas mulheres-autoras, que marcaram o século XX brasileiro de modo a romper com o silenciamento que ainda se impõe a elas é tarefa necessária e primordial na construção de uma nova visão sobre o papel feminino em nossa sociedade. Esse é o anseio deste artigo, cujo objetivo é compreender o lugar de Maria José Dupré na história da literatura infantil no Brasil, dado o fenômeno editorial que ela representa até os dias atuais. Para isso, focalizamos aqui a trajetória literária dessa mulher-escritora, a partir de uma perspectiva biobibliográfica, com destaque para seus livros de literatura infantil que circularam e circulam ainda hoje majoritariamente no âmbito escolar.

Para isso, tomamos como fonte privilegiada de pesquisa todos os seus dez livros infantis, quais sejam: *Aventuras de Vera, Lúcia, Pingo e Pipoca* (1943), *A ilha*

perdida (1944), *A montanha encantada* (1945), *A mina de ouro* (1946), *O cachorrinho Samba* (1949), *O cachorrinho Samba na Floresta* (1950), *O cachorrinho Samba na Bahia* (1957), *O cachorrinho Samba na Rússia* (1963), *O cachorrinho Samba entre os índios* (1966), *Cachorrinho samba na Fazenda Maristela* (1967). Além desses livros, consultamos artigos publicados em jornais e a autobiografia de Maria José Dupré, que serviram como fontes auxiliares de pesquisa. Para a análise dessas fontes, adotamos os pressupostos da História Cultural, de modo a compreender como “[...] em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 1990, p. 17).

O resultado dessa análise aponta alguns dos caminhos que permitem refletir como a produção literária destinada ao público infantil de Dupré comporta elementos de uma certa “fórmula” de sucesso editorial, que a levou a marcar a formação de inúmeras gerações de leitores desde o seu primeiro livro infantil, publicado em 1943. Com isso, organizamos este texto em quatro partes, além desta introdução, nas quais apresentamos alguns dados sobre a vida de Dupré, dados sobre os seus livros literários para crianças e jovens, como suas narrativas indicam a construção de sua “fórmula” literária e as considerações finais.

2 A escritora da Rua Cuba, n. 290

Enquanto eu estava às voltas com meu primeiro romance, vendemos a casa e residimos num hotel até meu marido construir outra na rua Cuba. Nessa casa também no jardim América, onde residimos por mais de vinte anos, escrevi muitos romances e também muitos livros para crianças. (Dupré, 1978, p. 238).

Em sua autobiografia intitulada *Os caminhos*, Dupré (1978) traçou uma linha do tempo sobre os fatos de sua vida, destacando as experiências e as histórias vivenciadas nos lugares por onde passou. Essa autobiografia traz dados sobre seu nascimento, sua formação escolar, sua experiência como professora no interior de São Paulo e seu casamento com o engenheiro Leandro Dupré. A narrativa autobiográfica culmina com a autora estabelecida na cidade de São Paulo, mais precisamente na rua Cuba, n. 290, no Jardim América³, que foi o marco inicial de sua trajetória como escritora.

³ Trata-se de um bairro nobre da cidade de São Paulo, pertencente à Zona Oeste, e faz parte da região intitulada “Jardins”.

O percurso trilhado por Dupré até chegar à rua Cuba teve início em uma fazenda no estado do Paraná, às margens do rio Paranapanema. Sendo a sétima filha do casal de fazendeiros Antonio Lopes de Oliveira Monteiro e Rosa de Barros Fleury Monteiro, Maria José Fleury Monteiro (nome de solteira) nasceu em 1º de maio de 1905⁴. No entanto, devido a dificuldades financeiras, ainda na infância mudou-se com a família para a zona rural da cidade de Botucatu, interior de São Paulo, onde viveu até a juventude (Dupré, 1978).

Durante a infância vivida no interior paulista, por não ter escolas próximas à fazenda onde residia, Dupré foi alfabetizada pelos irmãos mais velhos. Somente após a mudança para a área urbana de Botucatu é que passou a frequentar a escola, o Colégio dos Anjos (Mello, 1954). Ao mesmo tempo em que ingressou na escolarização formal, recebeu, em casa, aulas particulares de línguas estrangeiras e música, ministradas por preceptoras contratadas pela família.

Após a conclusão dos estudos primários, Dupré foi enviada para a capital paulista, para dar continuidade à sua escolarização. Em São Paulo, ingressou na Escola Normal “Caetano de Campos”, localizada na Praça da República, no centro da cidade, onde diplomou-se professora possivelmente entre o final dos anos 1910 e início dos anos 1920.

Após concluir o Curso Normal, voltou para Botucatu para lecionar na cidade, assim como em Cerqueira César, cidade vizinha. Porém, sua carreira como professora foi breve em função do casamento, em 17 de fevereiro de 1922, com o engenheiro ferroviário Leandro Dupré, cuja profissão demandava mudança constante de cidade. Além disso, Leandro solicitou à esposa que se dedicasse ao lar, o que ela fez por um tempo (Dupré, 1978).

Nos primeiros anos do casamento, a então Maria José Fleury Monteiro Dupré, ou simplesmente Maria José Dupré, e seu esposo, Leandro Dupré, residiram no interior de São Paulo, em cidades como Itu, Piracicaba, Taubaté e Ribeirão Preto (Dupré, 1978). Apesar da breve permanência na maioria dessas localidades, algumas

⁴ Com relação ao ano e ao local de nascimento de Dupré, várias fontes indicam dados divergentes. Porém, em sua autobiografia ela relata ter nascido no Paraná, tendo se mudado posteriormente para o interior de São Paulo. Levando em consideração essas informações, é possível que seu registro tenha se dado posteriormente ao nascimento. No entanto, optamos por manter a informação sobre 1905 devido às fontes que localizamos e também em decorrência da homenagem prestada em 2005 pelo Centro Cultural de Botucatu ao centenário do nascimento de Dupré.

delas deixaram marcas profundas na vida da escritora. Ela relatou em sua autobiografia que, durante sua estadia em Itu, enfrentou uma grave enfermidade, sendo diagnosticada com paratifo⁵. Como consequência desse episódio, viu-se impossibilitada de conceber filhos (Dupré, 1978).

Após esse trágico episódio, Dupré e o esposo seguiram seu curso até chegarem à cidade de Ribeirão Preto, onde permaneceram por quase sete anos. Durante esse período, estabeleceram residência, construíram uma casa e cultivaram amizades. Dupré (1978) descreveu que retomou seu interesse pela música e pela leitura nesse período. No entanto, em busca de novas oportunidades e crescimento profissional, Leandro Dupré decidiu mudar-se para a cidade de São Paulo. (Dupré, 1978).

Nos primeiros anos residindo na capital paulista, enquanto Leandro Dupré buscava estabilidade profissional, o casal viveu em hotéis e apartamentos alugados. Conseguiram construir sua primeira residência no Jardim América, em São Paulo. Todavia, essa casa foi logo vendida, e Leandro construiu uma nova residência localizada na rua Cuba, n. 290, também no Jardim América.

Foi nessa residência que Dupré iniciou e estabeleceu sua trajetória como escritora, dando origem a uma vasta produção literária, que inclui contos, romances, crônicas, artigos jornalísticos e narrativas infantis. Além disso, a residência da Rua Cuba, n. 290 foi palco de encontros intelectuais, eventos sociais, como jantares, coquetéis e chás, bem como reuniões de cunho feminino, entre outras atividades.

Com residência fixada em São Paulo, o primeiro texto literário escrito e publicado por Dupré data de 1938. Trata-se de um conto publicado em jornal da cidade. Sua inspiração para esse texto surgiu da observação da vida das jovens do interior que desejavam se casar, mas devido à rigidez dos pais, viram o tempo passar e acabaram sendo consideradas “moças velhas” para concretizar esse desejo. Ao relatar a história ao marido, ele considerou o enredo interessante e a incentivou a escrevê-lo e publicá-lo em um jornal. Seguindo essa sugestão, Dupré escreveu o seu primeiro conto, intitulado “As meninas tristes”, assinando-o com o pseudônimo Mary

⁵ A febre paratifoide é uma forma rara de salmonelose causada por *Salmonella enterica serovar paratyphi* A, B e C, caracterizada por sintomas típicos de febre entérica, incluindo febre alta, dor de cabeça, dor abdominal e sintomas intestinais, tosse seca, calafrios e erupções cutâneas, seguido por um longo período de recuperação. Fonte: https://www.orpha.net/consor/cgi-bin/OC_Exp.php?lng=PT&Expert=443227. Acesso em: 28 jan. 2024.

Joseph. Esse conto foi publicado em junho de 1938 no Suplemento em Rotogravura do jornal *O Estado de S. Paulo*. (Barros, 2024; Dupré, 1978).

Três anos após essa publicação, Dupré teve publicado um novo texto, dessa vez sob a forma de romance, com o título *O Romance de Teresa Bernard*. Assim como em seu primeiro conto, Dupré tentou assinar a publicação como Mary Joseph, mas seu editor, Artur Neves⁶, então atuante na editora Civilização Brasileira, não aceitou a sugestão, argumentando que o nome, além de desconhecido, não era comercial. Após discussões e sugestões de nomes, seu marido sugeriu o pseudônimo “Senhora Leandro Dupré”, o qual foi aceito pelo editor. A partir desse momento, Dupré passou a adotar esse pseudônimo em suas publicações, deixando de utilizá-lo somente em meados da década de 1960 (Oliveira, 2018; Barros, 2024). Sobre o uso do pseudônimo “Senhora Leandro Durpé”, faz-se importante destacar que ele evidencia uma das facetas do machismo do Brasil da época, em que as damas da sociedade em geral eram tratadas pelos sobrenomes dos seus respectivos maridos. Com isso, ao adotar essa mesma lógica para assinar seus livros, Maria José Dupré acaba por apagar a condição feminina que a identifica como escritora, reafirmando a noção de sujeição à figura de seu provedor. Reforça essa ideia o fato de ela somente ter deixado de utilizar o pseudônimo “Senhora Leandro Dupré” após a morte do seu esposo, quando ela já era uma escritora conhecida e consagrada pelo público e pela crítica da época (Oliveira, 2018; Barros, 2024).

O primeiro romance de Dupré, para sua própria surpresa, foi um sucesso de pronto, sendo responsável por lançar seu nome nos principais círculos intelectuais da época. Desfrutando-se disso, em 1943 ela lançou seu segundo romance, *Éramos Seis*, editado pela Companhia Editora Nacional, com prefácio escrito por José Bento Monteiro Lobato. Esse romance tornou-se seu primeiro *best-seller* e uma de suas obras mais aclamadas pelo público e pela crítica, recebendo, em 1944, o Prêmio Raul Pompeia da Academia Brasileira de Letras (ABL). Em função disso, *Éramos seis* foi traduzido para idiomas como espanhol, francês e sueco, e ganhou uma adaptação cinematográfica na Argentina, em 1945 (Barros, 2024), além de adaptações para telenovela.

⁶ Artur Neves (1916-1971) trabalhou como editor na Companhia Editora Nacional e foi sócio-fundador da Editora Brasiliense (1943-1962). Também foi responsável pela criação da Editora Universidade de Brasília (Hallewell, 2017).

Ainda em 1943, Dupré, seu esposo, o editor Artur Neves, o escritor Monteiro Lobato e o economista Caio Prado Júnior⁷ enveredaram-se pelos caminhos editoriais, fundando a Editora Brasiliense (Hallewell, 2017). Com a criação da nova editora e com o nome já consolidado no mercado, Dupré publicou, entre as décadas de 1940 e 1960, outros dez livros destinados ao público adulto, muitos deles pela editora da qual foi sócia-fundadora. Além desses romances, também publicou no mesmo período mais de 60 crônicas e contos em jornais e revistas.

Em função dos textos que escreveu, Dupré recebeu diversos prêmios e também atuou em várias instituições do ramo literário e editorial, especialmente na cidade de São Paulo. Dentre essas, destacam-se a União Brasileira dos Escritores (UBE) e a Academia Brasileira de Escritores de Literatura Infantil (Oliveira, 2015). Também sua dedicação à literatura não se limitou à escrita literária; ela esteve envolvida em diversas atividades, como: comissões de literatura, palestrante em congressos e júri em concursos literários.

O último livro que Dupré teve publicado foi sua autobiografia, *Os caminhos*, datado de 1969, editado pela Saraiva. Após isso, ela restringiu suas atividades a participação em entidades ligadas ao campo literário e a eventos culturais, além de sua vida pessoal e familiar. Com isso, depois de quase oito décadas de vida, metade delas dedicadas à literatura, Dupré faleceu em 16 de maio de 1984, na cidade de São Paulo, no Hospital Samaritano, não tendo deixado filhos ou herdeiros⁸.

3 As crianças e os jovens como interlocutores

Embora Dupré tenha tido seu reconhecimento inicial como escritora de romances destinados ao público adulto, foi na literatura para crianças e jovens que ela alçou sua projeção e sua “marca” como escritora entre inúmeras gerações de leitores. Em sua autobiografia, Dupré relata que começou a escrever livros para o público infantil atendendo a pedidos das crianças de sua família, que se queixavam de ela escrever apenas para adultos (Dupré, 1978). Independentemente de essa ter sido a

⁷ Caio Prado Júnior (1907-1990) foi um economista, filósofo e historiador paulista, reconhecido autor de 17 livros sobre economia e política. Ele também foi o fundador da Editora Brasiliense, cujo catálogo inclui todas as obras do renomado historiador.

⁸ De acordo com algumas fontes esparsas que localizamos, após o falecimento de Dupré, a editora Ática passou ser a detentora de seus direitos autorais.

razão, é fato que ela decidiu escrever livros para crianças quando, juntamente com seu esposo, associou-se à recém-inaugurada editora Brasiliense, que tinha como uma de suas linhas editoriais as obras de literatura infantil, que estava em plena ascensão no Brasil em decorrência de dois fatores, em especial: a expansão da escolarização primária e a valorização da leitura literária como instrumento formativo escolar.

Após a instauração do regime republicano em 1889, estados como São Paulo iniciaram um amplo processo de modernização da instrução pública ao longo das primeiras décadas do século XX, de modo a implantar um modelo de escola que tinha como princípio a educação popular como base do desenvolvimento econômico, social, político e cultural do país (Souza, 2008). Associadamente às mudanças que foram se impondo em razão disso, uma nova cultura material escolar foi se formando nessas escolas (Razzini, 2010), marcada especialmente pelo consumo de livros literários, vistos como dispositivos imprescindíveis às práticas de leitura e de formação moral e cívica das crianças (Oliveira, 2015).

A esses livros atribuíam-se o papel de “moldar o público pelo escrito” (Le Goff, 1990), numa visão calcada no entendimento de que os livros literários tinham o papel de conferir unidade formativa em termos de valores e virtudes, garantindo a adequada formação do “futuro homem” (Oliveira, 2015). Em razão disso, a literatura infantil tornou-se objeto de amplo interesse (e controle) a partir dos anos 1930, na mesma medida em que as editoras se profissionalizaram e se especializaram nesse ramo, ocasionando o crescimento cada vez maior na publicação e no consumo desse tipo de livro (Oliveira, 2015).

Foi nesse contexto que Dupré adentrou ao universo da literatura infantil e, inspirada pelo sucesso da obra de Monteiro Lobato, também sócio-fundador da Brasiliense, compôs seus dez livros destinados às crianças e jovens. O primeiro deles, intitulado *Vera, Lúcia, Pingo e Pipoca*, publicado em 1943, inicialmente pela editora Brasiliense (editora da qual a autora era sócia), recebeu no ano de seu lançamento o prêmio de melhor livro de literatura infantil pela Academia Brasileira de Letras (ABL) (Lacerda, 2003).

No ano seguinte, em 1944, Dupré teve publicado seu segundo livro de literatura infantil, *A ilha perdida*, seguido, em 1945, de *A montanha encantada*, ambos pela Brasiliense. Ainda em continuidade a essas publicações, em 1946 Dupré lançou *A mina de ouro*, fechando o ciclo de suas quatro primeiras publicações por essa editora

Depois de uma pausa de cerca de três anos, Dupré tornou a escrever livros de literatura infantil. Em 1949, ela lançou *O cachorrinho Samba*, que deu início a um conjunto de outras cinco narrativas focadas no personagem-título, quais sejam: *O cachorrinho Samba na floresta* (1950), *O cachorrinho Samba na Bahia* (1957), *O cachorrinho Samba na Rússia* (1963), *O cachorrinho Samba entre os índios* (1966) e *O cachorrinho Samba na Fazenda Maristela* (1967), todos publicados pela editora Saraiva.

Na medida em que Dupré lançou esses novos livros de literatura infantil, os anteriores passaram a ser reeditados, por vezes pela mesma editora, por vezes por outras. Isso fez com que sua produção literária se mantivesse em constante circulação, como se pode ver pelos dados do Quadro abaixo.

Quadro 1 – Dados referentes aos livros de literatura infantil de Maria José Dupré reeditados

Ano	Titulo	Editora	Edição e ano	Série/Coleção
1943	<i>Aventuras de Vera, Lúcia, Pingo e Pipoca</i>	Brasiliense	1. ed. 1943 2. ed. 1945 3. ed. 1948	-
		Saraiva	4. ed. 1959 5. ed. 1965	-
1944	<i>A ilha perdida</i>	Brasiliense	1. ed. 1944	-
		Saraiva	2. ed. 1959, 3. ed. 1965	-
		Ática	4. ed. 1973, 5. ed. 1974, [1975?], 7. ed. [1975?], ed. [1976?], 9. ed. 1976, ed. 1977, 11. ed. 1978, 12. ed. [1978?], 13. ed. [1979?],	“Série Vaga-Lume”
			14. ed. [1979?], 15. ed. 1980, 16. ed. [1980?], 17. ed. 1981, 18. ed. [1982?], 19. ed. [1983?], 20. ed. 1984, 21. ed. 1985, 22. ed. 1986, 23. ed. 1987, 24. ed. 1989, 25. ed. 1989, 26. ed. 1990, 27. ed. 1991, 28. ed. 1992, 29. ed. 1993 30. ed. 1993, 31. ed. 1994, 32. ed. 1995, 33. ed. 1995, 34. ed. 1996, 35. ed. 1997, 38. ed. 1999, 39. ed. 2000, 40. ed. [2011?], 41. ed. 2015	
1945	<i>A montanha encantada</i>	Brasiliense	1. ed. 1945, 2. ed. 1948	-
		Saraiva	3.ed. 1962	-
		Ática	4. ed. 1975, 5. ed. 1978, 6. ed. 1979, 7. ed. 1989, 8. ed. 1980, 9. ed. 1981, 10. ed. 1982,	“Coleção Cachorrinho Samba”

			11. ed. 1983, 12. ed. 1984, 13. ed. 1985, 14. ed. 1986, 15. ed. 1986, 16. ed. 1988, 17. ed. 1989, 18. ed. 1990, 19. ed. 1990, 20. ed. 1991, 21. ed. 1992, 22. ed. 1994, 23. ed. 1995, 24. ed. 1996, 25. ed. 1997, 26. ed. 1998, 27. ed. 1999, 28. ed. 2000, 29. ed. 2002	
		Círculo do Livro	1-4. ed. 1993, 5. ed. 1994, 6. ed. 1995, 7-8. ed. 1996, 9-10. ed. 1997	"Coleção Cachorrinho Samba"
1946	<i>A mina de ouro</i>	Brasiliense	1. ed. 1946	-
		Saraiva	2. ed. 1959, 3. ed. 1961, 4. ed. 1967	-
		Ática	5. ed. 1975, 6. ed. 1979, 7. ed. 1980, 8. ed. [1980?], 9. ed. 1981, 10. ed. 1982, 11. ed. [1983?], 12. ed. 1983, 13. ed. 1984, 14. ed. 1986, 15. ed. 1987, 16. ed. 1989, 17. ed. 1990, 18. ed. 1990, 19. ed. 1991, 20. ed. 1993, 21. ed. 1994, 22. ed. 1995, 23. ed. 1996, 24. ed. [1996?], 25. ed. 1997, 26. ed. 1999, 27. ed. 1999, 28. ed. 2000, 29. ed. 2002	"Coleção Cachorrinho Samba"
		Círculo do Livro	1-4. ed. 1993, 5. ed. 1994, 6. ed. 1995, 7-8. ed. 1996, 9-10. ed. 1997	-
1949	<i>O cachorrinho Samba</i>	Brasiliense	1. ed. 1949	-
		Saraiva	2. ed. 1949, 3. ed. 1975	-
		Ática	4. ed. 1975, 5. ed. [1979?], 6. ed. 1980, 7. ed. 1981, 8. ed. 1982, 9. ed. 1981, 10. ed. 1984, 11. ed. 1986, 12. ed. 1987, 13. ed. 1991, 14. ed. 1991, 16. ed. 1993, 17. ed. 1994, 18. ed. 1996, 19. ed. 1998, 20. ed. [1999?], 21. ed. [2000?], 22. ed. 2003	"Coleção Cachorrinho Samba"
		Círculo do Livro	1-4. ed. 1993, 5. ed. 1994, 6. ed. 1995, 7-8. ed. 1996, 9-10. ed. 1997	"Coleção Cachorrinho Samba"
1950	<i>O cachorrinho Samba na floresta</i>	Brasiliense	1. ed. 1950	-
		Saraiva	2. ed. 1962	-
		Ática	3. ed. 1975, 4. ed. 1980, 5. ed. [1982?], 6. ed. 1984, 7. ed. 1987, 8. ed. 1989, 9. ed. 1991, 10. ed. 1994, 11. ed. 1995, 12. ed. 2002	"Coleção Cachorrinho Samba"
		Círculo do	1-4. ed. 1994, 5-6. ed. 1995,	"Coleção

		Livro	7-8. ed. 1996, 9-10. ed. 1997	Cachorrinho Samba"
1957	<i>O cachorrinho Samba na Bahia</i>	Saraiva	ed. 1957 2. ed. 1967	-
1963	<i>O cachorrinho Samba na Rússia</i>	Saraiva	ed. 1963	-
1966	<i>O cachorrinho Samba entre os índios</i>	Saraiva	1.ed. 1966	1966
1967	<i>O cachorrinho Samba na Fazenda Maristela/ O cachorrinho Samba na fazenda</i>	Saraiva	1. ed. 1967	-
		Ática	2. ed. 1975, 3. ed. 1980, 4. ed. 1982, 5. ed. 1984, 5. ed. 1985, 6. ed. 1985, 7. ed. 1991, 8. ed. 1994, 9. ed. 1995, 10. ed. [1997?], 11. ed. [1999?], 12. ed. 2002,	"Coleção Cachorrinho Samba"
		Círculo do Livro	1-4. ed. 1994, 5-6. ed. 1995, 7-8. ed. 1996, 9-10. ed. 1997	"Coleção Cachorrinho Samba"

Fonte: Barros (2024)

Como se pode observar pelo Quadro 1, entre os livros de literatura infantil de Dupré, *O cachorrinho Samba na Rússia* (1963) e *O cachorrinho Samba entre os Índios* (1966) foram os únicos que não foram reeditados. Com relação ao livro *O Cachorrinho Samba na Rússia*, vale destacar que este foi laureado com o prêmio Jabuti, em 1964, na categoria Literatura Infantil como melhor livro do ano. Além desses, outros dois tiveram um número de reedição menor em relação aos demais: *Aventuras de Vera, Lúcia, Pingo e Pipoca*, com mais quatro edições além da inaugural; e *O Cachorrinho Samba na Bahia*, que teve uma única reedição em 1967.

Outro aspecto a ser destacado é a mudança no título de *O cachorrinho Samba na Fazenda Maristela*. A partir da edição pela Ática, em 1975, o livro passou a ter como título *O cachorrinho Samba na fazenda*. Além dessa mudança, no caso desse livro, já reeditado após o falecimento de Dupré, também se observa mudança no conteúdo, com supressão de várias partes do texto original (Barros, 2024).

No conjunto dos livros de literatura infantil que Dupré teve reeditados, o que apresenta o maior número de edições é *A Ilha Perdida*, que alcançou um total de 41, além das inúmeras reimpressões que ainda continuam a ocorrer. Em seguida, temos *O Cachorrinho Samba*, que apresenta a marca de 22 edições, enquanto *O cachorrinho Samba na floresta* e *O cachorrinho Samba na fazenda* alcançaram um total de 12

edições cada. Os livros *A montanha encantada* e *A mina de ouro* tiveram nove edições cada.

Com relação às reedições de *A ilha perdida* no âmbito da Série “Vaga-lume”, da Ática, conforme explica Oliveira (2018), mediante o uso de algumas estratégias editoriais, esse livro foi inserido no círculo dos jovens leitores, diferentemente do público inicialmente previsto para ele: as crianças. Esse processo caracteriza um marco da literatura juvenil brasileira, inclusive responsável por contribuir para consolidar um modelo narrativo e editorial para esses seguimentos mercadológicos “especificamente juvenis” (Oliveira, 2018). Não por acaso, *A ilha perdida*, escolhido como o volume 1º da coleção “Vaga-lume”, alcançou números invejáveis de venda, como um dos maiores sucessos editoriais do Brasil (Oliveira, 2018).

Também se faz importante mencionar aqui que a literatura infantil de Dupré ganhou projeção internacional por meio de dois de seus livros: *O cachorrinho Samba* e *A mina de ouro*. Segundo nota publicada pelo colunista Tavares Miranda no jornal *Folha de S. Paulo* em 1975, ambas as publicações foram escolhidas pela UNESCO como melhores livros de literatura infantil. Por esse motivo, foram selecionadas para figurar na segunda edição do catálogo *The Best of the Best*, publicado pela Verlag Dokumentation, de München Pullach, e pela Bowker, de Nova York (Miranda, 1975).

4 Uma fórmula literária e editorial de sucesso

Com relação às características literárias dos livros de literatura infantil de Dupré, que é parte substancial do sucesso que ela obteve entre seus leitores, quando as analisamos em conjunto, é possível observar um padrão narrativo similar entre elas, que se aproximam do formato de uma série literária. Embora formalmente suas narrativas não tenham sido concebidas como série ou coleção em sentido estrito⁹, nota-se uma estratégia editorial recorrente: mesmos ambientes e repetição de personagens que transitam de um livro para outro, promovendo continuidade e inter-

⁹ Embora alguns dos livros de literatura infantil de Dupré sejam conhecidos na atualidade por fazerem parte de série ou coleção, como é o caso da “Vaga-lume” ou da “Cachorrinho Samba”, originalmente nenhum deles foi pensado dessa forma. O processo de transformação de parte da obra dessa escritora em série ou coleção se deu depois de a Ática tornar-se a responsável pelas publicações de Dupré.

relação entre as histórias. Essa característica confere à literatura infantil de Dupré um caráter de série literária.

Nesse contexto, as personagens são gradualmente introduzidas e reaparecem ao longo das diferentes narrativas ou assumem papéis fixos, atuando como protagonistas em todas as histórias. O protagonismo dessas personagens alinha-se com o enredo de aventuras que elas estão prestes a vivenciar.

Outra característica que reforça a estrutura seriada dos livros infantis de Dupré é o ambiente em que as tramas se desenrolam. Nos quatro primeiros livros, a “fazenda do padrinho” atua como o principal elo entre as narrativas, criando uma unidade espacial que conecta as histórias. Já nos livros protagonizados pelo cachorrinho Samba, o ambiente é variável, mas a dinâmica narrativa se mantém. As aventuras de Samba ocorrem em contextos diferentes, geralmente em decorrência de viagens realizadas com seus donos, que vão desde a chácara da família até locais mais distantes, como a Rússia. Essa variação de cenários, aliada à repetição de uma estrutura narrativa recorrente, reforça a continuidade temática e estilística das obras, aproximando-as de um modelo de série literária.

Esses elementos utilizados por Dupré se associam ao que Chartier (2011) descreve como “rede de textos”. De acordo com esse historiador, esse conceito refere-se à forma como diferentes textos ou obras literárias se conectam, formando uma rede. Essas conexões podem ser diretas, através de referências explícitas e citações de elementos de um título em outro, ou indiretas, por meio de temas e ideias compartilhadas entre os textos. Na literatura infantil de Dupré, essa “rede de textos” manifesta-se na interligação de elementos como a repetição de personagens e cenários recorrentes, além do mesmo gênero narrativo: a aventura. Nessa direção, pode-se dizer que Dupré estruturou sua produção literária para crianças em duas “séries” narrativas interconectadas: uma que abarca seus quatro primeiros livros – *Aventuras de Vera, Lúcia, Pingo e Pipoca, A ilha perdida, A montanha encantada e A mina de ouro*; outra que abarca as histórias em torno do cachorrinho Samba – *O cachorrinho Samba, O cachorrinho Samba na floresta, O cachorrinho Samba na Bahia, O cachorrinho Samba na Rússia, O cachorrinho Samba entre os índios e O cachorrinho Samba na Fazenda Maristela*.

Na primeira dessas séries, composta pelas obras publicadas entre 1943 e 1946 – *Aventuras de Vera, Lúcia, Pingo e Pipoca; A ilha perdida; A montanha encantada e*

A mina de ouro –, Dupré ancora-se na estratégia narrativa lobatiana, focada na ideia de aventuras num sítio, para cativar o seu leitor. Nelas, ela retrata personagens pertencentes ao mesmo núcleo familiar — irmãos e primos, acompanhados de seus animais de estimação — que passam férias na “fazenda do padrinho”. A trama geralmente se desenvolve quando esses personagens se perdem em ambientes rurais, desconhecidos, exóticos ou selvagens, produzindo um tipo de narrativa aventureira semelhante à de *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, porém, imprimindo-se marcas de brasilidade nessas aventuras — um “Robinson à brasileira” –, como elemento distintivo entre a “matriz” de referência e novo texto (Oliveira, 2014).

Com isso, no primeiro livro, *Aventuras de Vera, Lúcia, Pingo e Pipoca*, Dupré apresenta ao leitor o cenário mais famoso de suas quatro primeiras publicações infantis, a “fazenda do padrinho”. É também nesse livro que conhecemos as primeiras personagens que farão parte da maioria das narrativas da escritora: os primos Vera, Lúcia, Oscar e Quico.

À medida que a autora desenvolve suas narrativas posteriores, novas personagens são gradualmente introduzidas. Por exemplo, no segundo livro, *A ilha perdida*, conhecemos os irmãos Henrique e Eduardo. No terceiro livro, *A montanha encantada*, é a vez de apresentar a prima Cecília. Por fim, no quarto livro, *A mina de ouro*, Dupré nos apresenta o cachorrinho Samba. Essa personagem marca o fim do ciclo de aventuras na fazenda do padrinho e inaugura uma nova fase de histórias, cujo protagonista é o cachorro da família.

Nessa “rede” entre os textos, os ambientes seguem um padrão: a fazenda do padrinho é o destino inicial de crianças urbanas em férias escolares. No entanto, por circunstâncias adversas, há uma ruptura na rotina, colocando as personagens infantis e/ou animais domésticos em situações desafiadoras em lugares considerados perigosos, como uma ilha selvagem inexplorada, uma montanha misteriosa ou em uma mina abandonada.

Embora essas quatro publicações iniciais apresentem padrões similares, tendo como principal elo a aventura e a ligação com a fazenda do padrinho, é importante destacar que em seu primeiro livro, *Aventuras de Vera, Lúcia, Pingo e Pipoca*, parte da narrativa ainda se desenrola na cidade, durante o período de aulas das personagens Vera e Lúcia. Nesse primeiro livro, a aventura é representada por meio de travessuras, atividades escolares, passeios e brincadeiras, como a fuga de casa,

brigas entre as irmãs, a hora do recreio, visitas à praia e a sítios da família, idas ao cinema e férias na fazenda do padrinho.

Em comparação com os livros subsequentes, *Aventuras de Vera, Lúcia, Pingo e Pipoca* não tem como cenário preponderante a fazenda do padrinho, embora parte da trama se desenrole nesse contexto. A dinâmica em que as personagens exploram os ambientes selvagens ao redor da propriedade e acabam se perdendo não ocorre nesse primeiro livro. De todo modo, o mote da “criança perdida” — um elemento que se tornou característico em seus primeiros livros —, se faz presente em *Aventuras de Vera, Lúcia, Pingo e Pipoca*. Nele, Dupré narra a experiência de Lúcia, que, ao desejar ir à escola como sua irmã Vera, se afasta da supervisão familiar e acaba se perdendo nas ruas da cidade. Após esse episódio, a narrativa retorna à rotina cotidiana das irmãs, enfatizando aspectos de sua vida familiar e as férias na fazenda do padrinho.

Em *A ilha perdida*, os protagonistas Henrique e Eduardo, em férias na fazenda do padrinho, decidem explorar uma ilha misteriosa próxima à propriedade. Essa expedição, realizada sem o consentimento da família, os leva a enfrentar situações perigosas e desafiadoras, pois acabam se perdendo e encontram um habitante enigmático residindo na ilha. Após dias de dificuldades, os meninos conseguem retornar à fazenda e são resgatados por seus familiares.

Em *A montanha encantada*, é a vez dos primos Vera, Lúcia, Cecília e Oscar e os cachorrinhos Pingo e Pipoca viverem aventuras em uma montanha misteriosa. Atraídos por uma luz que brilha no alto de uma montanha próxima à fazenda, as crianças convencem o padrinho a levá-las em uma excursão para desvendar o mistério. Ao se aproximarem do local, são sugadas para o interior da montanha, onde descobrem uma cidade habitada por anões. Perdidas e sem saber como retornar, passam os dias conhecendo a cultura dos habitantes locais. Após tentativa frustrada de fuga, as crianças são libertadas pela princesa dos anões e retornam ao convívio familiar.

Na última narrativa que encerra o ciclo de aventuras na fazenda do padrinho, *A mina de ouro*, os primos Henrique, Eduardo, Oscar, Quico, Vera, Cecília e o cachorrinho Samba decidem explorar o morro do Jaraguá, localizado na cidade de São Paulo. Com o apoio do padrinho, as crianças são levadas ao local e planejam acampar. Contudo, motivadas pela curiosidade e atraídas pelas histórias sobre uma mina de ouro abandonada no interior do morro, resolvem entrar nele e acabam se

perdendo. Após dias de dificuldades e enfrentando diversos perigos, encontram uma saída e são resgatadas pelo padrinho.

Como se pode ver, apesar de algumas diferenças entre as quatro narrativas, especialmente em *Aventuras de Vera, Lúcia, Pingo e Pipoca*, o padrão narrativo permanece sempre o mesmo: a criança, geralmente movida pela curiosidade e, em alguns casos, pela desobediência, acaba se perdendo. Após enfrentar perigos e dificuldades, é resgatada por um familiar.

Essas características conferiram à obra de Dupré também um caráter pedagógico, de modo que a cada aventura vivenciada pelas crianças, tem-se uma lição moral associada. Essas lições enfatizam a transmissão de normas e valores, especialmente no que diz respeito à obediência aos adultos, figuras constantes nas narrativas infantis da autora.

Com relação aos livros que giram em torno de Samba, que configuram a segunda “série” de livros infantis de Dupré, observa-se uma narrativa que se assemelha à ideia de um diário de viagens, no qual se acompanha as aventuras do cachorrinho-protagonista desde seu nascimento até a vida adulta. Entre os livros que compõem essa “série” narrativa estão: *O cachorrinho Samba*, *O cachorrinho Samba na floresta*, *O cachorrinho Samba na Bahia*, *O cachorrinho Samba na Rússia*, *O cachorrinho Samba entre os índios* e *O cachorrinho Samba na fazenda*, publicados entre 1949 e 1966.

Nesses livros, a trama se desenvolve em torno das experiências e aventuras de Samba durante suas viagens. Essas aventuras geralmente ocorrem a partir do contato com os habitantes dos locais visitados, que vão desde personagens humanos até outros animais, igualmente antropomorfizados como o protagonista.

Também nesses livros, diferentemente das narrativas anteriores, nas quais os animais não eram antropomorfizados e agiam de acordo com sua natureza, Samba substitui as personagens crianças e passa a se comportar como elas. No primeiro livro, *O cachorrinho Samba*, também se replica o mote da “criança perdida”, a partir de onde se desenvolve todo enredo em torno do cachorro. Essa estratégia foi deixada de lado nos livros subsequentes, quando o leitor já está “ambientado” com o novo protagonista, prevalecendo nos demais livros a aventura decorrente das interações de Samba com os habitantes dos locais visitados, sobretudo outros animais.

Com relação às viagens feitas, a primeira delas é para uma propriedade rural da família, localizada em Tremembé, interior de São Paulo. Em *O cachorrinho Samba na floresta*, segundo livro desse conjunto, a narrativa se desenvolve em um ambiente rural e selvagem. A estrutura narrativa mantém-se semelhante à dos primeiros livros da autora, apresentando o personagem principal, vindo da cidade, passando o fim de semana em uma área rural e explorando o ambiente selvagem próximo à propriedade.

Nota-se que a dinâmica de exploração dos lugares selvagens também prevalece. O protagonista decide explorar os arredores e acaba adentrando a uma floresta próxima, onde vivencia diversas aventuras com os animais selvagens que ali habitam. Porém, diferentemente das narrativas anteriores, o protagonista não enfrenta dificuldades para sair da propriedade de seus donos. Ele entra na floresta livremente, enfrenta situações de tensão e perigo ao interagir com animais selvagens e retorna para casa sem grandes obstáculos.

Nos livros seguintes, *O cachorrinho Samba na Bahia*, *O cachorrinho Samba na Rússia* e *O cachorrinho Samba entre os índios*, o protagonista deixa de realizar viagens restritas às propriedades rurais da família e passa a explorar diversas localidades no Brasil e fora do país. No caso das localidades nacionais, destacam-se o Centro-Oeste, com ênfase no Araguaia, e o Nordeste, particularmente o estado da Bahia. No âmbito internacional, Samba viaja à Europa, em países da antiga União Soviética, em especial a Rússia.

Embora esses cenários se afastem dos ambientes predominantemente rurais dos livros anteriores, a marca do exotismo e do selvagem se fazem presentes nessas narrativas. Com isso, em *O Cachorrinho Samba na Bahia*, Dupré descreve a passagem de Samba e de sua dona pela cidade de Salvador, capital da Bahia, e pelo sertão, na região de Canudos. A trama se desenvolve a partir do contato do protagonista com os habitantes locais, mas parte significativa da narrativa gira em torno da história da "Guerra de Canudos", muito provavelmente como forma de alinhar o texto literário aos fins escolares. Ao fazer isso, a narrativa apresenta uma leitura enviesada historicamente sobre a "Guerra de Canudos", pois retrata os eventos exclusivamente sob a ótica do Exército Brasileiro, oferecendo uma visão pejorativa dos sertanejos e de Antônio Conselheiro.

Muitos não trabalhavam. Viviam tocando viola, de papo para o ar; ou então conversando, ou rezando. [...]. Mas conselheiro era ignorante não sabia

interpretar a religião, fazia tudo a moda dele. [...]. Bem. Um dia o governo do Rio de Janeiro soube que isto aqui era o esconderijo de uma porção de assassinos e deu ordens para que os soldados viessem acabar com o arraial e com Antônio Conselheiro (Dupré, 1957, p. 80-81).

A citação mostra a visão distorcida e preconceituosa de Dupré em relação à “Guerra de Canudos”. Como explica Dias (1997, p. 141-142), pode-se dizer que ela representou esse acontecimento de nossa história através das lentes que a elites do final do século XIX utilizavam, ou seja, “[...] com preconceitos, manipulação de fatos, e o emudecimento dos pobres por achá-los incultos e inferiores, sendo, portanto, incapazes de se tornarem agentes da história”.

Em *O cachorrinho Samba na Rússia*, esse olhar de exotismo e a perspectiva enviesada sobre determinados acontecimentos históricos também se fazem presentes. Na trama, Samba e sua dona viajam para a Europa e durante a jornada o protagonista entra em contato com os países que compunham a União Soviética, com destaque para a Rússia. Ao explorar esses lugares, o cachorrinho apresenta críticas ao regime socialista soviético, considerando-o autoritário, limitador da liberdade e explorador dos países subordinados.

É importante ressaltar que *O cachorrinho Samba na Rússia* foi lançado um ano antes do golpe militar que instituiu o período ditatorial no Brasil a partir de 1964. Nesse contexto, observa-se que a narrativa ecoa os discursos anticomunistas amplamente divulgados no período, especialmente pela imprensa brasileira. A esse respeito, Silva (2009, p. 172), ao analisar os discursos anticomunistas nos jornais desse período, descreve que a imprensa brasileira alimentava esses argumentos ao publicar que “[...] o comunismo ameaçava não somente a tradição religiosa, mas também a propriedade, a liberdade, a estabilidade social e, principalmente, o regime democrático”. Para Silva (2009), esses discursos contribuíram para que a população enxergasse a União Soviética como antítese da liberdade, da propriedade privada e da democracia.

Apesar dos vários aspectos negativos atribuídos ao regime soviético, em *O Cachorrinho Samba na Rússia*, Dupré, em determinados momentos da narrativa, indica pontos positivos proporcionados pelo regime soviético. Dentre eles, o sistema educacional e as políticas de assistência social. Sobre esse aspecto, vale lembrar que em 1963 a realidade brasileira em relação à educação e à assistência social estava distante de atingir um patamar ideal. À época, mais de “50% da população brasileira

era excluída da vida política nacional, por ser analfabeta” (Soares; Galvão, 2005, p. 270) e o “analfabetismo [era] visto como causa da situação de pobreza, mas como efeito de uma sociedade injusta e não igualitária” (Soares; Galvão, 2005, p. 270). Portanto, os apontamentos feitos por Dupré em sua narrativa refletem um projeto de desenvolvimento para o país, no qual a educação era considerada a principal força motriz da mudança, sendo vista como a chave para superar as desigualdades sociais e promover o progresso.

No livro subsequente, *O cachorrinho Samba entre os índios*, Samba viaja novamente com sua dona, dessa vez para o Centro-Oeste do Brasil, em aldeias indígenas no cerrado brasileiro. A trama tem como ponto de partida a interação de Samba com os habitantes locais. Grande parte da narrativa se desenvolve a partir das observações de Samba sobre a cultura dos povos originários, que é retratada de maneira exótica e selvagem, reforçando uma visão estereotipada sobre eles.

Entre relatos “curiosos” sobre as personagens locais, a autora destaca e elogia o trabalho desenvolvido pela Força Aérea Brasileira (FAB) e pelas missões religiosas católicas nessa região. Enquanto a FAB se dedicava a “cuidar” e “zelar” pela saúde desses povos, às missões religiosas católicas era atribuída a tarefa de educá-los. Com relação a esse aspecto, Bonin e Kirchof (2012, p. 232) argumentam que:

O cânone literário brasileiro [...] incorporou desde muito cedo a ideia de que o ameríndio, quando não submetido ao processo civilizatório e cristianizador do europeu, estaria entregue a uma natureza selvagem e animalizada à qual não pode escapar, sendo o canibalismo uma das manifestações dessa natureza. No tocante ao projeto de conquista e colonização, é preciso ressaltar que, da mesma forma como a representação do *bom selvagem*, também a representação do índio como *canibal* serve ao propósito colonizador dos europeus, na medida em que propõe, primeiro, que o habitante das Américas se define completamente por sua natureza animal/selvagem e, segundo, que essa natureza só pode ser domesticada através de um modelo civilizatório, dos valores relativos à lei, à religião e à autoridade do próprio europeu.

Após explorar locais distantes como a Bahia, a Rússia e o Centro-Oeste do Brasil, Samba, no último livro dessa “série”, finalmente retorna a um ambiente familiar: a fazenda. Em *O cachorrinho Samba na Fazenda Maristela*, o protagonista viaja com sua dona durante o feriado de Páscoa para a Fazenda Maristela, também localizada no município de Tremembé (SP). O enredo explora as interações de Samba com os animais da fazenda, Samba, Maristela e Kumbe, narrando o cotidiano do cachorrinho, que inclui brincadeiras, passeios pelos arredores da propriedade e a escuta de

histórias sobre os antigos proprietários, os frades trapistas.

Embora Dupré retorne a um contexto rural amplamente explorado em suas primeiras narrativas, Samba não se aventura sozinho pelos locais selvagens ao redor desse ambiente como fez em *O cachorrinho Samba na floresta*. Ele sempre o faz na companhia de sua dona e de outros moradores locais, reforçando a ideia de tutela adulta sobre a infância. Assim, não enfrenta grandes perigos ou dificuldades; pelo contrário, desfruta do passeio, elogiando a beleza natural da paisagem.

Observa-se também nesse último livro que o contexto rural é apresentado como um lugar idílico, ideal para passar férias ou realizar expedições aventureiras, característica marcante nas narrativas iniciais da autora. Com isso, o que se observa nas quatro últimas narrativas de Dupré é que o enredo de aventura é marcado pelo excesso de “pedagogismo”, que segundo Lajolo e Zilberman (2022, p. 209), refere-se à “[...] supremacia da personagem mais madura e das entidades através dos quais ela se expressa, quais sejam, a escola, a família; e o elitismo burguês”.

5 Considerações finais

A partir da análise dos dados biobibliográficos de Maria José Dupré apresentados, é possível compreender alguns dos elementos marcantes de sua trajetória como uma mulher-escritora. Com isso, como explica Veyne (1971, p. 67), a “história” que se apresenta aqui “[...] é, antes de tudo, um relato e o que se denomina explicação não é mais que a maneira de a narração se organizar em uma trama compreensível” a partir de “[...] formas estruturais profundas da imaginação histórica” (White, 2008, p. 11). Dessa maneira, o enfoque nos aspectos sobre a vida e sobre os livros para crianças publicados por Maria José Dupré correm na direção de “tornar inteligível” algumas das representações sociais e culturais dessa mulher-escritora no âmbito da história da literatura infantil, assim como as posições e interesses contribuem para ajudar a “decifrar” como ela pensava a sociedade ou como gostaria que ela fosse (Chartier, 1990).

Sendo assim, é impossível não pensar que, como uma mulher advinda de família de classe média, com a infância assentada no interior do estado de São Paulo, Dupré incontestavelmente teve a sua trajetória de vida pessoal e profissional como escritora marcada pela possibilidade do estudo. Diferentemente de grande parte das

mulheres que a antecederam ou que foram contemporâneas a ela, o acesso à escolarização formal, acompanhado de educação complementar em música e línguas estrangeiras, abriu a ela os caminhos para o “uso da pena”.

Como explica Jinzenji (2012), até meados do século XIX, muito em função das restrições impostas à educação feminina, a participação das mulheres no universo da escrita era restrita à vida privada. Somente com a ampliação do acesso à escola e a conquista do direito à leitura que elas, na virada do século XIX para o século XX, começam a se fazer presente na imprensa e nos circuitos literários. Essas mudanças, lentas e não sem conflitos, permitiram que um número cada vez maior de mulheres acessasse o mundo da cultura letrada, muitas vezes tendo a leitura como fuga de seus afazeres domésticos ou a escrita como forma de expressar sua visão de mundo, num exercício de se fazerem ouvidas em sua forma de pensar (Almeida, 1998).

Esse também foi o caso de Dupré. Após casar-se em 1922, deixou de exercer a profissão como professora para dedicar-se ao marido e aos afazeres domésticos, o que intercalava com os momentos de leitura e de música. Porém, o casal, no anseio de novas oportunidades, mudou-se para a capital paulista, onde Dupré, imersa numa nova rede de sociabilidades (Sirinelli, 2003) decorrentes dos espaços de circulação de seu esposo, vislumbra na escrita literária a possibilidade de narrar o universo feminino por uma voz autenticamente feminina. Disso decorrem seu primeiro conto e seu primeiro romance, protagonizados por mulheres e focados no público leitor feminino.

Na medida em que Dupré passou a gozar de certo prestígio e reconhecimento como escritora entre os leitores “adultos”, enveredou-se, supostamente a pedido das crianças da família, pelo universo da literatura infantil. Nesse novo seguimento literário, desenvolveu o que se pode chamar de uma “fórmula de sucesso” no que tange às leituras literárias para crianças e jovens no Brasil.

Em seus livros voltados a esse público, Dupré estabeleceu a narrativa de aventura como gênero prioritário, muito inspirada no modelo de Daniel Defoe e no artifício do sítio de Lobato. Com isso, construiu a representação de crianças munidas de energia, curiosidade, espírito desbravador, disposição e certa inconsequência, ao mesmo tempo em que faz sobressair o papel do adulto como tutor e como aquele que, detentor de maior experiência, “educa” os pequenos homens em formação e os conduzem para o caminho da moralidade, da civilidade e da aprendizagem.

Ao estruturar dessa forma as suas aventuras infantis, Dupré utiliza-se da estratégia de interconectá-las em rede, como explica Chartier (2011), no estilo de uma “série”, seja pela recorrência dos espaços, seja pela transitoriedade das personagens entre uma história e outra, seja, ainda, por um tipo de enredo básico: narrativas protagonizadas por crianças, jovens ou animais, que se aventuram em lugares representados como exóticos e geralmente opostos à noção de espaços urbanos.

Essa “fórmula”, ainda que possa gerar a ideia de repetitividade e uma certa circularidade entre as diferentes histórias, é justamente a grande responsável pela eficiência de Dupré em cativar o leitor, já que com ela constrói um vínculo entre ele e as personagens, assegurando o interesse contínuo em relação aos seus diferentes livros. Nesse sentido, pode-se inferir que essa “fórmula” literária adotada por Dupré foi o que a possibilitou alcançar o posto de um fenômeno editorial, autora de um dos livros mais vendidos no país¹⁰ imprimindo uma marca indelével em inúmeras gerações de leitores desde a década de 1940.

Essa marca se verifica, inclusive, em escritoras contemporâneas ela, cuja produção apresenta uma fórmula muito próximo a de Dupré, como é o caso de Isa Silveira Leal, com os livros sobre a personagem Glorinha, Virgínia Lefèvre, com a série “Ana Selva”, ou mesmo Lucia Machado de Almeida, que investiu fortemente no gênero aventura a partir dos anos 1950. Em face disso, Dupré ocupa um lugar importante na história da literatura infantil brasileira, quer seja pela sua condição como mulher, que rompeu barreiras e alçou sucesso que persiste no tempo, quer seja pelo modo como imprimiu uma marca nos modos de se pensar essa literatura, mediante a construção de uma “fórmula” editorial de sucesso.

¹⁰ De acordo com notícia publicada no Portal da BBC Brasil em 2023, *A ilha perdida* vendeu mais de 5 milhões de exemplares desde que passou a integrar a série “Vaga-lume”, sendo livro de maior vendagem dessa coleção. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/clj7wykjkdo>. Acesso em: 15/03/2025.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S. Imagens de mulher: a imprensa educacional e feminina nas primeiras décadas do século. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, DF, v. 79, n. 191, 1998.

ARROYO, L. **Literatura infantil brasileira**: ensaio de preliminares para sua história e suas fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BARROS, E. M. E. **O projeto literário para crianças de Maria José Dupré (1905-1984)**. 236 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2024. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11600/72731>. Acesso em: 18 fev. 2025.

BONIN, I. T.; KIRCHOF, E. R. Entre o bom selvagem e o canibal: representações de índio na literatura infantil brasileira em meados do século XX. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 7, n. 3, p. 221-238, dez. 2012. Suplemento especial. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/praxeduc/v07n03sespecial/v07n03sespeciala11.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2023.

CHARTIER, R. Do livro a leitura. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1990.

COELHO, N. N. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

COELHO, N. N. **A literatura infantil**: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje. São Paulo: Quíron, 1981.

DIAS, Clímaco. O cachorrinho Samba em Canudos: o estranhamento na literatura infantil juvenil. **Revista Canudos**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 140-148, 1997. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/canudos/article/view/15191>. Acesso em: 18 fev. 2025.

DUPRÉ, Senhora Leandro. **Aventuras de Vera, Lúcia, Pingo e Pipoca**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1959.

DUPRÉ, Senhora Leandro. **A ilha perdida**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1959.

DUPRÉ, Senhora Leandro. **A mina de ouro**. [3. ed.]. São Paulo: Saraiva, 1961.

DUPRÉ, Senhora Leandro. **A montanha encantada**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1962.

DUPRÉ, Senhora Leandro. **O cachorrinho Samba**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1959.

DUPRÉ, Senhora Leandro. **O cachorrinho Samba na Bahia**. São Paulo: Saraiva, 1957.

DUPRÉ, Senhora Leandro. **O cachorrinho Samba na floresta**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1962.

- DUPRÉ, Senhora Leandro. **O cachorrinho Samba na Rússia**. São Paulo: Saraiva, 1963.
- DUPRÉ, Maria José. **O cachorrinho Samba entre os índios**. São Paulo: Saraiva, 1966.
- DUPRÉ, Maria José. **O cachorrinho Samba na Bahia**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 1967.
- DUPRÉ, Maria José. **O cachorrinho Samba na fazenda Maristela**. São Paulo: Saraiva, 1967.
- DUPRÉ, M. J. **Os caminhos**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1978.
- HALLEWELL, L. **O livro no Brasil**: sua história. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2017.
- JINZENJI, M. Y. Leitura e escrita femininas no século XIX. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 38, p. 367-394, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/CNLC3BVqWtXcYNdfQnwVdpx/>. Acesso em: 18 fev. 2025
- JOSEPH, Mary. As meninas tristes. **O Estado de São Paulo**: suplemento em rotogravura, São Paulo, ano 8, n. 121, jun. 1938.
- LACERDA, L. **Álbum de leitura**: memórias de vida, histórias de leitores. São Paulo: Unesp, 2003.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira**: histórias e histórias. São Paulo: Ática, 1984.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira**: histórias e histórias. ed. rev. e aum. São Paulo: Unesp, 2022.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 1990.
- MELLO, L. C. **Dicionário de autores paulistas**. São Paulo: Comissão do IV centenário, 1954.
- MIRANDA, T. Maria José Dupré. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 55, n. 55.28, 27 jun. 1975. Disponível em: <https://acervo.folha.uol.com.br/digital/compartilhar.do?numero=5528&anchor=4403932&pd=9d7476763d8241591ec7d898bd12d0d1>. Acesso em: 15 jan. 2025.
- OLIVEIRA, F. R. **História do ensino da literatura infantil na formação de professores no estado de São Paulo (1947-2003)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8q7yj>. Acesso em: 15 jan. 2025.
- OLIVEIRA, F. R. Sobre a formação da literatura juvenil brasileira: as edições de A ilha perdida, de Maria José Dupré. In: GRAZIOLI, F. T.; COENGA, R. E. **Literatura de recepção infantil e juvenil**: modos de emancipar. Erechim, RS: Habilis Press, 2018.
- OLIVEIRA, F. R. Um Robinson à brasileira: A ilha perdida (1944) – Maria José Dupré. In: CECCANTINI, J. L. C. T.; VALENTE, T. **Narrativas juvenis**: literatura sem fronteiras. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- RAZZINI, M. G. P. São Paulo: cidade dos livros escolares. In: BRAGANÇA, A.; ABRE, M. **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

SILVA, H. R. **A democracia impressa**: transição do campo jornalístico e do político e a cassação do PCB nas páginas da grande imprensa, 1945-1948. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SIRINELLI, J. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, R. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SOARES, L; GALVÃO, A. M. O. Uma história da alfabetização de adultos no Brasil. *In*: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C (org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. v. 3.

SOUZA, R. F. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX**: ensino primário e secundário no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

VEYNE, P. **Como se escreve a história**. 4. ed. Brasília: UnB, 1998.

ZOLIN, L. O. Literatura de autoria feminina. *In*: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (org.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e aum. Maringá: EDUEM, 2009.

WHITE, H. **Meta-história**: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Edusp, 2008.

Recebido em janeiro/2025 | Aprovado em abril/2025

MINI BIOGRAFIA

Fernando Rodrigues de Oliveira

Doutor em Educação pela Unesp-Marília. Pós-doutor em História da Educação pela Unesp-Araraquara. Professor do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo. Coordenador do NIPELL – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Ensino de Língua e Literatura (Unifesp). Email: fernando.oliveira13@unifesp.br

Elizangela Maria Esteves Barros

Mestra em Educação pela Universidade Federal de São Paulo. Bibliotecária do Instituto Federal de Educação de São Paulo (IFSP), com experiência em bibliotecas escolares e universitárias. É integrante NIPELL – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Ensino de Língua e Literatura (Unifesp) e do GPECE Grupo de Pesquisa em Estudos Curriculares e Ensino (IFSP - Campus Suzano). Email: elizangela.barros@unifesp.br